

XI ENCONTRO ABCP  
DEMOCRACIA E REPRESENTAÇÃO: IMPASSES CONTEMPORÂNEOS  
Área Temática 03 – Eleições e Representação Política

**A POLÍTICA DA FÉ**  
**COMPORTAMENTO ELEITORAL DOS DEPUTADOS ESTADUAIS EVANGÉLICOS EM**  
**SÃO PAULO**

Marcela Tanaka  
marcela.tanaka@hotmail.com  
Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Ciência Política (IFCH/Unicamp)  
Universidade Estadual de Campinas (Unicamp)

31 de Julho a 03 de Agosto  
Universidade Federal do Paraná  
Curitiba (PR) – Brasil

## RESUMO

O objetivo deste trabalho é compreender a relação entre religião e política no contexto subnacional brasileiro. Em específico, trabalhamos com os deputados estaduais evangélicos eleitos no estado de São Paulo entre 2002 e 2014. Buscamos responder à uma questão que envolve a dimensão eleitoral do fenômeno, centrada na geografia eleitoral do voto nesses candidatos. Buscamos responder se existiria um ou mais contextos que propiciariam a formação de um voto evangélico. Nossa hipótese é de que contextos com menor escolaridade e renda e maior vulnerabilidade social estariam associados a maiores taxas de votação nesses candidatos. A partir de análises espaciais, mapeadas por município e por região administrativa no caso da capital paulista, georreferenciamento dos endereços da Igreja Universal do Reino de Deus e de estatística descritiva, concluímos que existe uma característica principalmente urbana associada ao voto em candidatos evangélicos, além de uma resposta às relações de centro-periferia, na qual a teologia pentecostal teria encontrado terreno fértil para expansão.

**Palavras-chave:** política subnacional, religião e política, evangélicos, geografia eleitoral.

## Abstract

The aim of this work is to understand the relationship between religion and politics in the Brazilian subnational context. Specifically, we worked with state evangelical deputies elected in the state of São Paulo between 2002 and 2014. We sought to answer an issue that involves the electoral dimension of the phenomenon, centered on the electoral geography of the vote in these candidates. We tried to answer if there were one or more contexts that would allow the formation of an evangelical vote. Our hypothesis is that contexts with lower schooling and income and greater social vulnerability would be associated with higher voting rates in these candidates. Based on spatial analyzes, mapped by municipality and administrative region in the case of the city of São Paulo, georeferencing of the addresses of the Universal Church of God's Kingdom and of descriptive statistics, we conclude that there is a mainly urban characteristic associated with voting in evangelical candidates, also, we found that there is a response to the center-periphery relations in which Pentecostal theology would have found fertile ground for expansion.

**Key words:** subnational politics, religion and politics, evangelicals, electoral geography.

## INTRODUÇÃO<sup>1</sup>

Esse trabalho é um estudo sobre as relações entre religião e política no cenário subnacional brasileiro, em específico, o caso de estado de São Paulo. Os dois eixos principais que orientam essa pesquisa são: a relação entre eleitor e representantes eleitos para a Assembleia Legislativa do Estado de São Paulo (ALESP) de confissão evangélica, sob a ótica da geografia e comportamento eleitoral; e a relação de seleção e recrutamentos das elites religiosas para dentro do sistema partidário, como também o papel do partido político nessa relação por meio da análise do recrutamento destes deputados. O tema da relação entre religião e política nas eleições brasileiras, nas esferas públicas de participação e poder, no âmbito nacional não é recente na literatura (FREESTON, 2001). O que não significa que a produção sobre o nível subnacional tenha refletido, ou até mesmo acompanhado, o avanço das demais. Ainda que exista o trabalho de Borges (2007, 2010) sobre a esfera estadual e Borges, Babireski e Bolognesi (2017) sobre o nível municipal, os trabalhos que se debruçam sobre o tema ainda são escassos. O que este trabalho se propõe a fazer é o preenchimento de uma lacuna levantada pelo próprio autor quando argumenta que “os ‘políticos de Cristo’ têm mobilizado atenção da opinião pública, embora muitos aspectos de sua inserção no mercado eleitoral, o modo como eles se vinculam aos partidos políticos, ainda permaneçam nebulosos” (BORGES, 2010, p. 1).

É daqui que partimos, este trabalho têm como norte uma pergunta fundamental que compreende a dimensão de pós-eleitoral, do resultado das urnas. Ou seja, para que possam atuar na arena legislativa, os candidatos precisam ser eleitos; daí decorre a pergunta: **que contexto ou contextos influenciam a relação entre religião e política?** Com essa pergunta buscamos explorar o campo do comportamento eleitoral, dando foco específico na geografia do voto. O trabalho se concentra na forma como a votação dos deputados estaduais evangélicos, sobretudo dos deputados da Assembleia de Deus (AD) e da Igreja Universal do Reino de Deus (IURD) em São Paulo, de 2002 a 2014, está distribuída pelos municípios paulistas, com destaque para a capital, e de que maneira esta distribuição está associada a padrões de voto, sejam eles institucionais (presença de templos e igrejas em determinados locais) ou socioeconômicos (por meio da associação das variáveis sociodemográficas e do voto).

---

1 Este paper é parte da dissertação de mestrado defendida pelo Programa de Pós-Graduação em Ciência Política da Unicamp, sob orientação da Profa. Dra. Rachel Meneguello, intitulado “O Voto da Fé: comportamento eleitoral e recrutamento partidário dos deputados estaduais evangélicos em São Paulo (2002-2014)” com financiamento da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP).

## **OS EVANGÉLICOS NA POLÍTICA BRASILEIRA**

Na América Latina o desenvolvimento social e político sempre estiveram influenciados fortemente pela religião (BOAS E SMITH, 2015). No Brasil, em específico, desde a Constituinte de 1988 líderes evangélicos têm se inserido na política contra a Igreja Católica sob a afirmação de que haveria uma ameaça contra a liberdade de religião (FREESTON, 2001). A motivação desses líderes para a entrada na arena política e, de modo geral, a politização pentecostal se deve à busca de um fortalecimento das lideranças internas e recolhimento de recursos para expansão religiosa e disputa de espaços na religião civil (FREESTON, 2001, p. 23). Nesse sentido, o proselitismo evangélico tornou seus aderentes particularmente influentes na política eleitoral. Especialmente no Brasil, a intensidade em que os políticos evangélicos participam na política lhes garante uma influência desproporcional comparada às outras religiões (BOAS E SMITH, 2015).

O estudo da intersecção entre política e religião não é novo, contudo, a proeminência dessa relação vem se destacando nos últimos anos no país. Os dados apontam que a bancada evangélica na Câmara, nos últimos quatro pleitos, nas legislaturas entre 2002 e 2014, teria passado de 44 para 71 parlamentares. Igualmente o número de deputados estaduais evangélicos têm crescido sensivelmente. Na arena municipal, a mesma tendência é observada, com cerca de 10 mil vereadores eleitos em 2012 (RODRIGUES & FUKS, 2015). Nesse sentido, percebe-se não apenas que as relações vêm se estreitando entre os campos da política e da religião (BURITY, 1997), como também há uma tentativa de ampliação da dimensão religiosa para dentro do espaço público (CARVALHO, 1999). O fato de ser evangélico acabou se tornando "uma nova variável neste jogo de relações entre campo político e campo religioso" (NOVAES, 2002, p. 91).

Como, portanto, a religião ajuda a moldar a escolha política com relação à dimensão do voto? Alguns estudos apontam que eleitores evangélicos tendem a favorecer candidatos da mesma religião baseados em heurísticas de identidade, ou, atalhos de informação (BOAS, 2014; MCDERMOTT, 2009). Bohn (2004, 2007) aponta que essa identidade de grupo é altamente mobilizada quando se apresentam candidatos que também a mobilizam. Esta autora aponta também que para os eleitores evangélicos a igreja se mostra como um dos fatores mais importantes para a aquisição de informação política e a religião como um critério chave na escolha de um partido político.

Em relação às eleições presidenciais, Bohn (2007) e Carreirão (2004) analisaram o pleito de 2002 e apontam para os evangélicos como formadores de um grupo de identidade

que tende a ser homogêneo apenas quando há a presença de um candidato publicamente evangélico, neste caso, Antony Garotinho (PSB). Em 2010, Peixoto e Rennó encontraram que "o eleitor de Marina foi predominantemente evangélico, indicando que a denominação religiosa foi importante em 2010 como havia sido em 2002 para aumentar a probabilidade de voto em Garotinho naquela ocasião" (PEIXOTO; RENNÓ, 2011). No mesmo sentido, Arquer e Tanaka(2016) confirmaram esses achados ao encontrar relevância do aspecto religioso no voto da candidata nas eleições de 2014.

Para o pleito presidencial de 2010, também há os trabalhos de Mariano e Oro (2011), Rennó e Ames (2014) e Nicolau (2014). Mariano e Oro (2011) chegam à conclusão de que a mobilização da identidade assembleiana de Marina Silva fez com que boa parte dos seus votos tenha vindo desse segmento. Enquanto Dilma, ao buscar apoio das lideranças tanto católicas quanto evangélicas acabou por não ter efeito significativo algum sob os dois grupos. A relevância desses grupos para a política fez com que os dois candidatos à frente nas pesquisas de opinião dessa disputa – José Serra (PSDB) e Dilma Rousseff (PT) – tivessem dificuldades em manter a pauta secular em assuntos como saúde pública e direitos reprodutivos das mulheres durante suas campanhas (MARIANO; ORO, 2011). Entretanto, argumenta Pierucci (2011), a alta mobilização das temáticas e argumentos religiosos, utilizados para garantir o eleitorado conservador, tiveram o efeito inverso ao esperado. O autor mostra como Serra (PSDB), que buscava mobilizar a identidade religiosa com o uso ostensivo da temática em seus materiais de campanha, acabou por extrapolar uma barreira, culminando no não resultado concreto dos votos desse segmento em sua legenda. Isso teria ficado comprovado pelo fato de que mesmo Dilma sob o ataque do seu não pertencimento à nenhuma religião acabou por não ser mais ou menos repelente que Serra (NETTO, 2016; PIERUCCI, 2011).

O que Pierucci (2011) conclui, portanto, é que quando o eleitor sente sua fé como alvo de exploração em prol da satisfação de objetivos meramente eleitorais, passa a criar um sentimento de rejeição ao candidato que teria usurpado de sua fé cristã como meio de vitória. Esse fato é novamente confirmado quando Rennó e Ames (2014) e Nicolau (2014), afirmam que a religião teve, de fato, um papel importante na eleição, mas que alguns resultados inesperados surgiram. O exemplo utilizado é que ir a cultos ou missas tendeu a favorecer mais a candidata petista do que Marina.

Outros trabalhos buscam explicar o impacto da religião na dinâmica da política. Netto (2016) levanta o argumento do financiamento de campanha. Isto é, seria a religião o fator decisivo no sucesso eleitoral destes candidatos ou seria o montante de financiamento

recebido? A autora encontra, ao analisar o financiamento de campanha dos deputados federais para a eleição de 2014, que ao comparar um candidato religioso e um não religioso que tenham o mesmo financiamento, aquele com filiação religiosa tende a ter mais sucesso eleitoral. Assim, “isso quer dizer que de alguma forma o fator religião faz diferença para os candidatos evangélicos conseguirem se eleger” (NETTO, 2016, p. 103). A conclusão geral da autora é que o fator religioso tende a importar mais que os recursos financeiros para o sucesso nas urnas destes candidatos.

Valle (2013) realiza um estudo de caso durante as eleições de 2012 no município de São Paulo em uma sede da Assembleia de Deus, Ministério do Belém. O autor buscava investigar qualitativamente, por meio de entrevistas e trabalho de campo, o impacto do pertencimento de uma candidata ao círculo religioso. O autor discute, entre outros achados, que além da filiação religiosa, os pesquisados também compartilhavam de outras características como baixa renda e moradia em bairro periférico na capital paulista. Ele analisa, em especial, a candidatura de Marta Costa (PSD) à Câmara de Vereadores de São Paulo e conclui que a igreja possui um papel fundamental na vida das pessoas, que acaba se traduzindo em termos político-eleitorais, sobretudo na manifestação de apoio dos fiéis à candidata da instituição (VALLE, 2013, p. 115)

Por definição, o voto evangélico consiste na escolha eleitoral motivada por estímulos políticos adquiridos no interior do grupo religioso (RODRIGUES; FUKS, 2015). Alguns fatores contribuem para que as denominações religiosas sejam capazes de mobilizar seus membros em torno de seus candidatos, quais sejam: o papel central das lideranças, intensa socialização dos fiéis nas igrejas, uso estratégico de mídia, culto à personalidade e organização eclesial (BOAS; HIDALGO, 2011; BOHN, 2004, 2007; FRESTON, 2001; MACHADO, 2006; MARIANO, 2004; ORO, 2003; RODRIGUES, 2009; RODRIGUES; FUKS, 2015). Entretanto, esses fatores foram estudados majoritariamente no nível eleitoral federal e voltado à esfera executiva. Para contribuir com esse debate, este trabalho pretende trazer a análise de nível eleitoral estadual para as eleições proporcionais.

Outros trabalhos também buscam compreender a dimensão da religião como estruturante do voto. Pierucci e Prandi (1996) apontam que a religião do eleitor tem peso na escolha eleitoral, que ser evangélico tem impacto na escolha do candidato, o que reforça os argumentos acima. Com relação às características socioeconômicas dos eleitores evangélicos e suas opiniões e preferências, Bohn (2004) encontra que os fiéis evangélicos estão localizados entre os estratos mais pobres, menos escolarizados e de postura mais conservadora. Esse argumento é reforçado por Smith (2010) e Boas e Smith (2015) quando

afirmam que o impacto da religião sobre o voto é muito maior em vizinhanças com menor índice de escolaridade. Quando contrapostos a outras religiões, a influência da igreja e das lideranças religiosas na escolha partidária é maior no caso dos eleitores evangélicos do que nos demais (BOHN, 2004).

Além disso, é vital definir que dentro do que chamamos de "voto evangélico" há diferenças. Isso se dá pelas distinções de denominações entre as igrejas (CARNEIRO, 1998), dentre elas, a Assembleia de Deus (AD), Congregação Cristã no Brasil (CCB) e Igreja Universal do Reino de Deus (IURD), concentram 74% dos pentecostais (MARIANO, 2004). Além disso, as que mais têm tido visibilidade pública e sucesso na política partidária são a AD, a IURD (MARIANO, 2004) e a Igreja do Evangelho Quadrangular (IEQ) (ORO, 2003). Essas distinções são significativas na medida em que as diferentes organizações eclesiais importam na forma como os líderes religiosos transmitem informação política e influenciam o comportamento dos fiéis.

Para preencher essa lacuna, optamos por trabalhar com as duas denominações evangélicas. A primeira é a Assembleia de Deus (AD) que é a maior denominação em número de fiéis no Brasil e em São Paulo, além de possuir um processo de diferenciação interna que permite contemplar diferentes aspectos organizacionais dentro de uma mesma denominação (ALENCAR, 2013; TANAKA, 2018). A segunda é a Igreja Universal do Reino de Deus (IURD) cuja característica organizacional estruturada hierárquica e verticalmente tem sido mimetizada pelas demais (ORO, 2003) e se assemelha a um partido político (NASCIMENTO, 2017) e cujo sucesso é desproporcional ao tamanho de seus fiéis, elegendo proporcionalmente mais representantes que as demais (TANAKA, 2018). Além disso, as duas denominações são as que elegeram sistematicamente deputados estaduais para a ALESP no período analisado por este trabalho.

O debate proposto buscou mostrar como a intersecção entre religião e política se construiu no processo histórico, consolidando-se na opção pelas candidaturas evangélicas e como o sucesso dessas candidaturas na eleição de deputados estaduais aponta para uma relação ainda mais complexa que se supõe. Embora boa parte dos trabalhos tenham colocado o comportamento eleitoral sob o holofote, ainda é necessário o estudo que relacione essa dimensão com o contexto em que esses deputados estão inseridos. Ou seja, de que maneira as votações desses deputados estão relacionadas a padrões de distribuição geográfica e socioeconômica. Quais são, de fato, as características estruturais que proporcionariam a definição do que chamamos de voto evangélico.

Sinteticamente, apresentamos os pressupostos teóricos acerca do comportamento eleitoral que orientam este trabalho. Partimos das ideias que derivam tanto da Escola Sociológica do voto, que tem no trabalho clássico de Lazarsfeld, Berelson e Gaudet (1948) o argumento central do debate, qual seja, o ambiente socioeconômico, cultural e macroestrutural em que o indivíduo é socializado importa na sua tomada de decisão, quanto do pressuposto da teoria de clivagens sociais (LIPSET e ROKKAN, 1967) que entende que preferências políticas refletem distinções sociais. A ideia é que os indivíduos, posteriormente eleitores, estão submetidos a estímulos externos semelhantes e que, portanto, teriam respostas semelhantes. Isso significaria afirmar que o compartilhamento de características como escolaridade, renda e vizinhança teriam efeitos coletivos. Um importante aspecto é compreender que o processo de tomada de decisão dos eleitores deve ser compreendido dentro de seus posicionamentos nos grupos sociais a que pertencem. Assim, há nessa explicação um componente que leva em consideração as interações entre indivíduos, manifestadas por meio de regionalismos, bairrismos ou vizinhanças que expressam uma identidade cultural ou a conformação de interesses (FIGUEIREDO, 1991).

Por fim, entendemos ainda que o espaço geográfico que o indivíduo está inserido, o contexto espacial e social no qual ele transita é especialmente fundamental para a compreensão de padrões de votação, dado que o eleitor ocupa espaços de socialização – tais como bairros, famílias e locais de trabalho – em que existe troca de informação política, portanto, ajudando a conformar preferências políticas comuns (AGNEW, 1996; JOHNSTON e PATTIE, 2006; TAYLOR e JOHNSTON, 1979). Isso significa que lugares formam contextos compartilhados entre os indivíduos que frequentam e transitam por esses espaços. Formam vizinhanças de perfis parecidos, cujos processos de socialização são similares. Nesse sentido, Johnston (2009) afirma que os padrões de comportamento e atitudes são aprendidas através de interação social dos lugares e que “socialização dos eleitores é um processo contextual” (JOHNSTON, 2009, p. 110, tradução nossa). No nosso caso específico, entendemos que são esses os debates essenciais e que mais permitem a compreensão do voto no segmento específico da sociedade que é objeto de análise desta dissertação, qual seja, o voto em candidatos confessionais evangélicos.

Portanto, se buscamos investigar a distribuição do voto nos candidatos eleitos de confissão evangélica, entendemos que a vertente teórica da escola sociológica é a que melhor mobiliza as possibilidades de explicação. Isso porque, embora não tenhamos acesso ao comportamento individual de fato, que estejamos trabalhando em grande medida com dados agregados, sabemos que a religião é um fator geralmente de caráter privado, que



consiste como um dos fundamentos de socialização dos indivíduos. Geralmente, é transmitida pela família e tem espaços determinados para a sua realização. Aqui, tratamos do voto evangélico de modo específico, mas isso poderia se estender ao catolicismo, espiritismo, candomblé, umbanda, judaísmo, islamismo, entre todas as outras. Isso porque o caráter religioso de sacralidade dos templos, igrejas e mesquitas torna esse espaço um local de reunião de pessoas que compartilham da mesma fé, e que portanto, partilham de visões semelhantes do mundo. É um local de transmissão de informação que extrapola o limite do religioso, o que torna possível a hipótese de que seriam locais em que há transmissão de informação política e formação de preferência dos atores.

## **ORIENTAÇÕES METODOLÓGICAS**

Orientados pela literatura da escola sociológica do voto e da geografia eleitoral discutida nas seções acima, nossa primeira hipótese é a que se refere ao comportamento eleitoral através da distribuição do voto. ***Assim o voto nos candidatos evangélicos no estado de São Paulo tende a estar concentrado nos territórios de maior vulnerabilidade social e nos estratos sociais com menor escolaridade e renda*** (ALMEIDA, 2009; BOAS; SMITH, 2015; BOHN, 2004; SMITH, 2010). ***e em locais com maior densidade de templos, maior tende a ser a votação nestes candidatos.***

Aqui, nossa variável dependente é a porcentagem de votos recebida pelos candidatos confessionais por município (TSE, 2016). Nossas variáveis independentes compreendem duas dimensões do voto distintas: a) dimensão sociodemográfica; b) geográfica e contextual. Na dimensão sociodemográfica, temos seis variáveis: IDHM, densidade demográfica, quantidade de população, Índice Paulista de Vulnerabilidade Social (IPVS), salários reais e quantidade de salários mínimos. Esses dados foram obtidos do Sistema Estadual de Análise de Dados (SEADE) e foram sistematizados por município e, especificamente, para o município de São Paulo. A dimensão geográfica e contextual é composta por duas variáveis independentes: b.1) Índice de Moran Global I; b.2) Índice de Moran Local (LISA). Os índices de Moran e LISA tem como função medir a autocorrelação espacial entre os dados. Esses índices medem a dependência espacial de um dado evento acontecer em uma localidade específica. O Índice de Moran varia de -1 a 1, no qual as extremidades apontam para autocorrelação espacial perfeita e o 0 aponta para independência espacial (ARQUER e TANAKA, 2016; FAGANELLO, 2017; SMITH, M. J. e colab., 2007; SOARES e TERRON, 2008; TERRON, 2009). Aqui buscamos compreender se os votos recebidos pelos candidatos evangélicos é espacialmente dependente. Para além disso, utilizamos a função *geocoding* do *software* R, na qual extraímos os endereços de

todos os templos da IURD no município de São Paulo, como forma de compreender de maneira mais local o comportamento de expansão da igreja, além de podermos olhar com maior precisão o contexto que elas estão inseridas.

## RESULTADOS

Os dados da Tabela 01 abaixo apontam para a relação de dependência espacial da porcentagem de voto em relação aos municípios. O índice apresentado é o de Moran Global I. O que eles mostram é que, em primeiro lugar, que à exceção da IURD em 2002, todas as votações são estatisticamente significantes. Em termos de interpretação do índice, isso indica que a porcentagem de votos recebidas pelos deputados está correlacionada ao espaço geográfico em que o deputado obtém votação. Em segundo lugar, essa tabela aponta que, de maneira geral, os votos da Assembleia de Deus são mais espalhados geograficamente que os votos da IURD, uma vez que, embora significantes, os coeficientes são menores. Isso indica que os deputados estaduais vinculados à AD estariam também menos autocorrelacionados espacialmente do que os da IURD. A explicação para esse fenômeno parece residir nas diferenças organizacionais das denominações. Se por um lado a IURD vem de uma tradição mais urbana e a AD mais rural (FREESTON, 1993), a hipótese da espacialidade se sustenta, ao observarmos o espalhamento da votação da Assembleia de Deus em redutos eleitorais cujo perfil é mais rural, como os mapas mostrarão. Essa diferença de espacialidade também encontra respaldo pelas diferentes estratégias políticas e históricas de instalação das denominações. Se por um lado a Assembleia de Deus possui um perfil mais intra-bairro, e instala templos em locais que já possuem certa quantidade de fiéis, a IURD se encontra localizada nas grandes vias, além disso, opta por construir templos antes mesmo de ter fiéis no lugar de instalação (ALMEIDA, 2004).

**Tabela 01 – Índice de Moran Global I para porcentagem de votos dos deputados estaduais evangélicos eleitos em São Paulo (2002-2014)**

ANO	IURD	AD	OUTRAS
2002	0,005	0,113 ***	0,382 *
2006	0,431 *	0,137 **	0,557 *
2010	0,434 *	0,131 ***	0,620 *
2014	0,348 *	0,296 *	0,472 *

pvalor = \* > 0,001; \*\* > 0,005 ; \*\*\* > 0,05

Fonte: TSE. Elaboração própria.

Os mapas a seguir apresentam os resultados das autocorrelações espaciais LISA para os municípios para as Assembleias de Deus (AD) e para a Igreja Universal (IURD). Quando tratamos do Local Indicator of Spatial Association (LISA), buscamos compreender o efeito de vizinhança de forma mais localizada, assim, o resultado retornado pelo índice separa as votações em cinco categorias. A primeira engloba o conjunto de dados não significantes e as outras quatro são definidas abaixo. A cor indicada entre parênteses é como os dados estão apresentados nos Mapas 01 a 08.

1. Alto-Alto (vermelho): zonas de alta votação cercadas de zonas de alta votação – formação de cluster positivo;
2. Baixo-Baixo (azul): zonas de baixa votação cercadas de zonas de baixa votação – formação de cluster de rejeição;
- 3 – Alto-Baixo (rosa): zonas de alta votação cercadas de zonas de baixas votações – outlier.
- 4 – Baixo-Alto (azul claro): zonas de baixa votação cercadas de zonas altas votações – outlier.

Buscaremos compreender os padrões de votação dos deputados estaduais eleitos pela chave da relação centro-periferia. Embora o comportamento do eleitorado evangélico esteja muito associado ao seu conservadorismo, pautado nas suas defesas moralmente reguladoras, restritivas e punitivas, “nem todos os evangélicos são conservadores, a pauta conservadora vai além da pauta dos evangélicos conservadores” (ALMEIDA, 2017). A ideia central, portanto, é compreender que não necessariamente o contexto social mais propício ao voto evangélico seja o contexto conservador, mas o conjunto de características socioeconômicas e demográficas que propiciem a formação de uma identidade coletiva, de uma vizinhança, que alinhe as doutrinas da fé evangélica com as características de um eleitorado específico. Em nosso caso, o eleitorado que opta pelos candidatos confissionais evangélicos. Em resumo, o contexto que propicia uma conformação do voto evangélico é aquele que conglomera indivíduos socialmente marginalizados.

Assim, torna-se mais interessante pensar os desdobramentos das variáveis socioeconômicas por meio da relação entre o pentecostalismo e a periferia do sistema. Pautado pela Teologia da Prosperidade (ALMEIDA, 2016; MARIANO, 1996). O pentecostalismo, em especial o neopentecostalismo, se ajustou eficientemente em localidades cujo capitalismo aumentou a distância social entre os indivíduos. Tal como a literatura afirma, o Brasil foi um dos locais mais férteis para a implementação dessa doutrina, uma vez que encontrou terreno para a difusão em locais nos quais o baixo

desenvolvimento abriu espaço para uma concepção de ascensão social pela via do trabalho, empreendedorismo e da meritocracia. Dado que a expansão pentecostal se deu de forma mais acentuada nas classes médias baixas e entre os mais pobres dos grandes centros urbanos (ALMEIDA, 2016) não é surpreendente que, ao cruzarmos os dados de votação com os dados de IDHM e IPVS<sup>2</sup> exista uma correlação entre municípios de menor desenvolvimento e altas porcentagens de votação. O sucesso eleitoral evangélico aparece, portanto, nos contextos sociais em que a aplicabilidade da Teologia da Prosperidade têm mais espaço. Teoricamente falando, é a concepção de que indivíduos que compartilhem experiências de socialização parecidas e que transitem em espaços que reforcem esses laços tendem a conformar bases sociais de apoio (FAGANELLO, 2017; LAZARSELD e colab., 1948; LIPSET e ROKKAN, 1967; MENEGUELLO e BIZZARRO NETO, 2012; THERBORN, 2006).

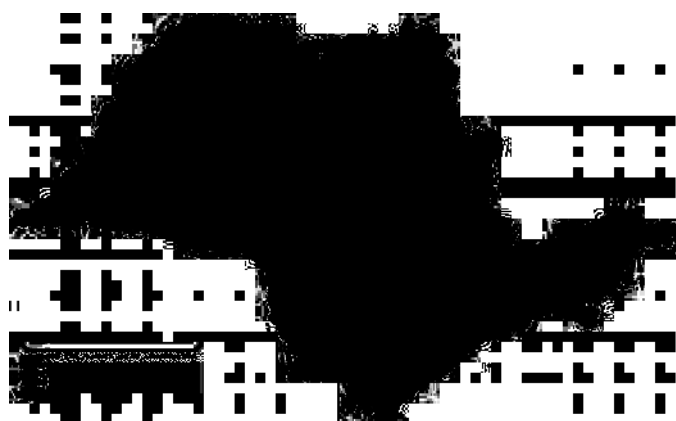
**Mapa 01 – LISA AD 2002**



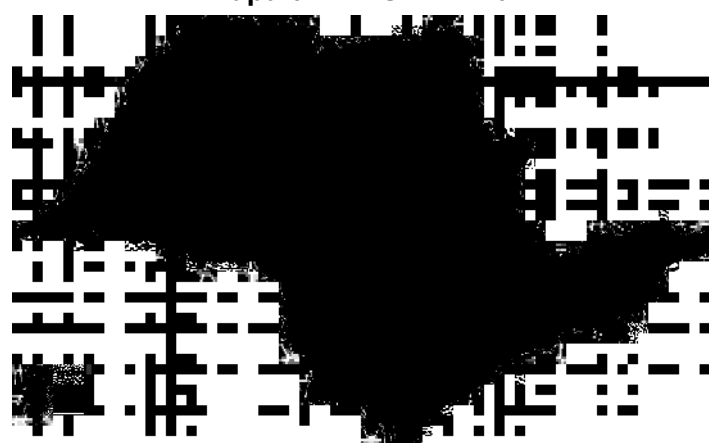
**Mapa 02 – LISA AD 2006**



**Mapa 03 – LISA AD 2010**



**Mapa 04 – LISA AD 2014**



Fonte: Elaboração própria a partir dos dados do TSE.

2 Por questões de espaço não apresentaremos os mapas de IDHM e IPVS. Para mais informações, ver Tanaka (2018).

Apesar do perfil histórico mais ruralizado da Assembleia de Deus cuja ascensão teria sido propiciada em territórios de decadência católica e com maiores propensões a racionalidades mais conservadoras (FREESTON, 1993), o que os dados mostraram é que houve, pelo menos a partir dos anos 2000, uma penetração da denominação nos grandes centros urbanos. Resta testar, agora de forma inferencial, os demais indicadores socioeconômicos, buscando aprofundar o conhecimento das relações de correlação entre eles e o voto assembleiano.

Em síntese, os dados produzem uma conformação de clusteres específicos para os deputados. Significando, sobretudo, uma capacidade de articulação da candidatura em localidades específicas. De maneira geral, os deputados das Assembleias de Deus, obtiveram votações sistemáticas e significativas de dependência espacial nas duas maiores regiões metropolitanas do estado: Campinas e São Paulo. A interiorização histórica característica da institucionalização da religião no País e no estado parece ter perdido força, apontando para uma característica de religião que passa a ter uma feição cada vez mais urbana (ALMEIDA, Ronaldo, 2009)

Para além disso, a hipótese do efeito de vizinhança parece ganhar um contorno positivo quando observamos que a votação dos candidatos é, em geral, bastante regional. Isso no sentido de que quando um deputado é bem votado em um município, ele também tende a ser bem votado nos municípios vizinhos. A ideia de que o trânsito de informações políticas perpassa pelos espaços de socialização dos indivíduos também parece significativa quando os locais em que as votações se concentram possuem perfis socioeconômicos, demográficos e históricos semelhantes. A seguir estão os resultados para a Igreja Universal já com os enderços georreferenciados.

**Mapa 05 – LISA IURD 2002**



**Mapa 06 – LISA IURD 2006**



Mapa 07 – LISA IURD 2010



Mapa 08 – LISA IURD 2014



Fonte: Elaboração própria a partir dos dados do TSE.

Os mapas apontam que a IURD em comparação com tem estratégia diferente das Assembleias de Deus. Ao contrário do espriamento da AD, a Igreja Universal concentra as suas bases eleitorais em contextos específicos que se alteram de uma eleição a outra. O destaque é para o crescimento dos clusteres de votação ao longo do tempo. Um dado relevante para esses dados é que, em 2014, a IURD deixa de constituir cluster de votação em São Paulo. A explicação para isso reside no fato de que a AD acabou por avançar significativamente no município e na Região Metropolitana, ocupando o espaço de representação desse território.

Em termos de concentração espacial das igrejas iurdianas, o resultado a que chegamos é que nos locais em que há votação, geralmente há um templo ou igreja. Ao passo que o contrário não é verdadeiro, isto é, as igrejas rendem dividendos eleitorais distintos. Contudo, é ainda mais significativo que, ao longo do período em questão, sempre nos locais com grande número de templos é que se encontram as maiores votações em percentual, e, em especial, os clusteres positivos de votação. Não podemos afirmar que isso é uma relação de causalidade, mas é possível estabelecer uma relação associativa entre as variáveis já pelos mapeamentos.

O resumo dos principais achados e resultados estão concentrados na tentativa de mapeamento das denominações pelo estado. Esse esforço não havia sido feito anteriormente pela literatura. De maneira geral, encontramos respaldo na literatura que indica a maior ocupação de espaços mais urbanizados pelas Assembleias de Deus e Igreja Universal. Nossa resposta a isso está relacionada com o processo histórico de institucionalização das denominações e com a competição intradenominacional. Além disso, fica clara a importância das Regiões Metropolitanas de São Paulo e Campinas como regiões

estratégicas na obtenção dos votos e eleição de candidatos. Por fim, embora tenhamos sustentado o argumento do efeito de vizinhança e contextual, associado à teoria de clivagens, o que os dados também mostram é que as variáveis clássicas de medida não se mostraram fortes o suficiente para dar conta de toda a complexidade do fenômeno, o que abre uma agenda de pesquisa cujo objetivo é aprofundar as razões do voto nesses candidatos.

Para entender a forma como a igreja se espalha pelo município e de que maneira as características de suas localizações teriam algum impacto no comportamento eleitoral, utilizamos os dados disponíveis no SEADE por Região administrativa na capital paulista. Mapeamos cinco variáveis: IPVS, número de salários mínimos, salários reais, densidade demográfica e população. Cruzamos todas essas variáveis entre si com uma correlação simples de Pearson com duas variáveis criadas obtidas por meio do georreferenciamento dos templos: quantidade de templos da IURD e uma dummy entre presença e ausência de templos. Os resultados são apresentados na tabela abaixo, optamos por apresentar apenas os resultados estatisticamente significativos.

**Tabela 02– Variáveis sociodemográficas e institucionais em São Paulo capital.  
Correlações de Pearson**

	QUANTIDADE IURD	DUMMY IURD
VULNERABILIDADE DE BAIXÍSSIMA	-.465	-.353
SALÁRIOS REAIS	-.403	-.309
NÚMERO DE SALÁRIOS MÍNIMOS	-.403	-.309
POPULAÇÃO 2000	.557	.352
DENSIDADE DEMOGRÁFICA	.424	.249

p valor <0,05

Fonte: SEADE. Elaboração própria

Os dados da Tabela 02 apontam para o sentido da correlação esperado, isto é, em contextos de maior vulnerabilidade social e de menor renda, a igreja tende a ser presente, como também estar presente e em maior quantidade. A mesma relação é encontrada nos dados populacionais, locais com maior concentração de pessoas por quilômetro quadrado e em maior quantidade também concentram maior número de igrejas. Não foi possível realizar esse teste com os dados de votação devido à incompatibilidade de informações, isto é, de

dados sistematizados de votação por região administrativa<sup>3</sup>. Contudo, como observado nos itens anteriores, especialmente àquele referente à Igreja Universal, pode-se supor que exista uma relação de votação de maior rendimento eleitoral em locais em que existam maior quantidade de igrejas. Isto ocorre porque, existe uma campanha estruturada de maneira sutil dentro dos templos para orientação dos eleitores sobre em quem votar. Ainda que não faça campanha diretamente, pois é proibido legalmente, a liderança da IURD tende a utilizar a sua máquina na orientação dos votos de seus fiéis.

Este fator, associado à dinâmica de fluxo da Igreja Universal, ou seja, estar localizada em pontos e vias estratégicas da cidade, tais quais terminais de ônibus e pontos comerciais (ALMEIDA, 2004), à ideia de ganhar visibilidade por meio da construção de templos e catedrais, “sugerem uma prática religiosa de fluxo e de massa bastante adequada à dinâmica urbana” (ALMEIDA, 2004, p. 24). O contexto urbano aparece aqui, portanto, como ponto chave na compreensão das estratégias de espalhamento da IURD, e, por consequência, da forma como ela ocupa o espaço urbano e como os contextos dos quais se apropriam criam novas formas de relação entre os indivíduos que frequentam os lugares. Seguimos com a concepção de que a vizinhança importa, nesse sentido. Aqueles indivíduos que transitam nestes templos e catedrais, que acabam expostos a informações políticas similares tendem a compartilhar as informações em outros círculos de vivência, sobretudo família e trabalho. Os mapas 09 e 10 a seguir são a espacialidade gráfica dos dois índices estatisticamente significantes que representam a ligação da IURD e um contexto de menor vulnerabilidade social.

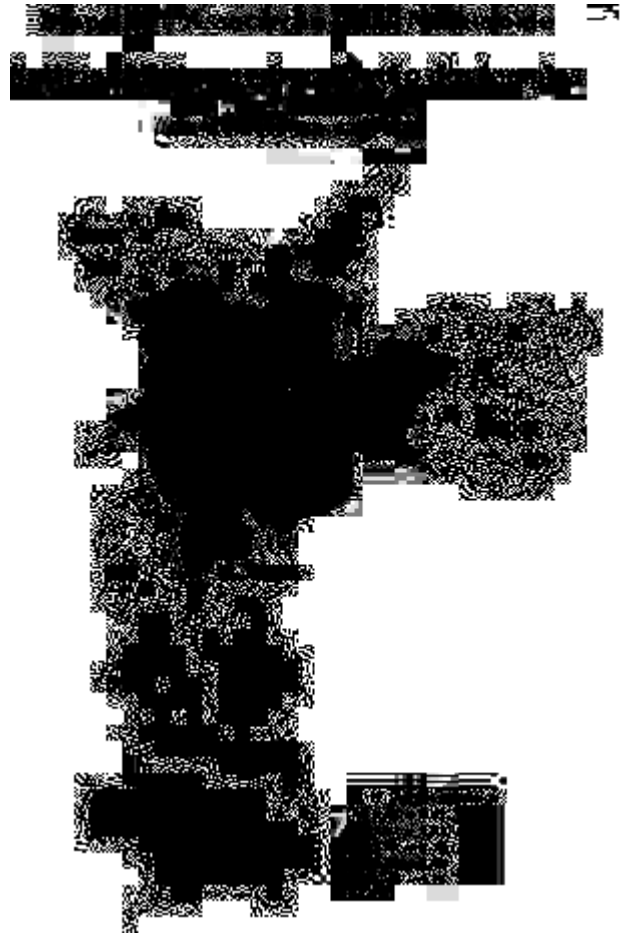
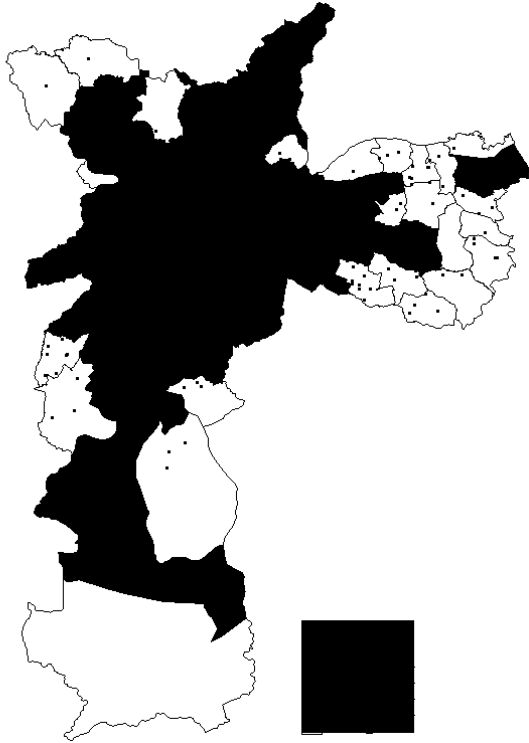
O que os mapas mostram é, exatamente, o que as associações haviam mostrado anteriormente, isto é, conforme o número de salários mínimos e a porcentagem de população exposta à baixíssima vulnerabilidade aumentam, menor tende a ser a quantidade de templos nestes locais. Isto sugere que, embora imersa em um contexto de alta urbanização, existe uma estratégia de expansão às regiões mais carentes, nas quais, segundo argumentamos, o terreno para o crescimento de uma teologia pautada na meritocracia, na cura pela fé, é fértil.

---

3 O TRE-SP sistematiza os dados de maneira distinta. Nos resultados oficiais só é possível obter dados por urna, por seção e por município, mas não por Região Administrativa.



**Mapa 09 – Associação entre IPVS  
Baixíssimo e Localização dos templos  
da IURD na capital**



## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Nosso trabalho buscou compreender duas dimensões distintas da relação entre religião e política eleitoral e partidária no sistema político subnacional brasileiro. O estudo de caso foi o Estado de São Paulo entre os anos de 2002 e 2014, e mais especificamente, trabalhamos com os deputados estaduais evangélicos eleitos. Buscamos mostrar qual contexto ou contextos seriam propícios à formação de um voto evangélico a partir de dados socioeconômicos e demográficos por município. Assim, mapeamos a votação de todos os deputados eleitos segundo denominação evangélica, calculamos os coeficientes de autocorrelação espacial local (LISA) para todos os pleitos, também separados por denominação. Também, cruzamos informações relativas à vulnerabilidade social e ao desenvolvimento humano nessas localidades. No caso da IURD, ainda incorporamos o georreferenciamento dos dados de endereços de templos e igrejas; e desenvolvemos um breve estudo de caso sobre a metrópole paulistana.

Encontramos respaldo na literatura sobre contexto e comportamento eleitoral a qual argumenta que indivíduos submetidos a uma mesma lógica espacial, que partilham dos

mesmos valores e transitam pelos mesmos espaços culturais e sociais tendem a votar de maneira semelhante (AGNEW, 1987; JOHNSTON, 2009; TAYLOR; JOHNSTON, 1979; THERBORN, 2006). A partir das bases da geografia eleitoral como meio para descoberta de motivos pelos quais candidatos são eleitos e recebem apoio, entendemos que os deputados estaduais evangélicos estão submetidos a duas lógicas distintas; a primeira é a estrutura eclesial e a segunda é o contexto socioeconômico e sociodemográfico.

A estrutura eclesial importa na medida em que os candidatos dependem da indicação de seus líderes religiosos para entrar na disputa política. No outro lado da moeda, esse candidato passa a ser deputado segundo bases sociais definidas. Os resultados dos mapeamentos mostraram como indicadores de vulnerabilidade social podem ser uma variável independente importante na explicação desse processo, ao mostrar pela correlação que em contextos de baixa renda e alta vulnerabilidade social cria-se um processo de socialização que potencializa os rendimentos eleitorais desses candidatos.

Em síntese, observamos que existe um padrão consistente de um voto com características essencialmente urbanas e a articulação de candidaturas específicas. Concluimos que nos espaços em que a Assembleia de Deus e a Igreja Universal têm força eleitoral, as demais denominações não têm espaço. Para além disso, há um contexto de expansão do voto distinto entre as duas maiores denominações. Ao passo que a AD tende a primeiro concentrar o voto para só então expandir, a IURD faz o processo contrário. Esses resultados refletem, em boa medida a própria organização interna das igrejas que possuem maneiras diferentes de atrair novos fiéis e ganhar espaço.

Acreditamos que o argumento espacial se reforça quando olhamos os resultados das eleições e os processos de vizinhança, que apontam a não formação de clusters isolados. Isto significa dizer que as fronteiras municipais são permeáveis, e criam um fluxo de informação política e redes de socialização que extrapolam os limites do município. Essa permeabilidade importa porque tem impacto no comportamento eleitoral entre lugares vizinhos. Especialmente no caso da religião, o alto envolvimento com as atividades sociais da igreja, o papel das lideranças, a relação estreita com os meios de comunicação e o respaldo institucional que possuem faz com que os limites municipais sejam extrapolados.

Nossa hipótese de que existiria um contexto submetido a uma vulnerabilidade social mais alta que propiciaria também uma alta taxa de votação nos deputados evangélicos também fica clara no estudo de caso do município de São Paulo, no qual mostramos que a expansão da IURD se dá pela via da relação centro-periferia. Ou seja, um contexto em que uma teologia que se pauta na crença da melhora da vida pela fé e na meritocracia ganharia força.

As conclusões deste trabalho podem ser sintetizadas em dois pontos distintos. O primeiro é o mapeamento das Assembleias de Deus, as quais no começo dos anos 2000 possuíam forte apelo eleitoral nos centros urbanos, a despeito de situar-se historicamente em um contexto mais ruralizado. Já em 2006 e 2010 observou-se uma pulverização de suas bases sociais, ocupando também a região central do estado. Por fim em 2014 foi possível observar as diferenças intradenominacionais com o mapeamento de candidatos de convenções distintas. O que se conclui é que existe uma distribuição de candidaturas pelo estado que não competem entre si e que acentuam a identificação do eleitor com sua identidade assembleiana. De modo geral, a dependência espacial dos deputados eleitos pela AD deu-se nas grandes regiões metropolitanas do estado: Campinas e São Paulo, reforçando o argumento da característica cada vez mais urbana da instituição.

O segundo ponto é o mapeamento dos deputados estaduais eleitos da IURD e o caso de São Paulo – capital. Se em 2002 a distribuição do voto da IURD não foi espacialmente significativa, em 2006 os resultados apontam para uma alta votação em clusters cujas características são de IDHM e IPVS médios, o que já distingue a Igreja Universal das demais igrejas analisadas, sendo que essas características perduram por todo o período analisado. Pela possibilidade de incorporação da geocodificação dos endereços dos templos, também podemos observar que nos locais em que existe a presença de templos, existe votação dos candidatos da igreja. Em síntese, nos locais com grande número de templos também há uma maior porcentagem de votação. Também encontramos que a IURD se estrutura de maneira diferente da AD. Ao passo que a AD primeiro constrói uma rede de eleitores a partir de clusters menores e bem definidos, para só então se expandir, a IURD, por sua vez, tem um padrão de votação que se altera de pleito para pleito de forma distinta.

Os resultados intramunicipais relativos à capital do estado permitem observar uma estratégia de expansão da IURD que se sustenta na irradiação às regiões mais carentes do município, no qual o terreno é fértil para a expansão da teologia que a IURD tem como bandeira, isto é, da prosperidade pela fé, a cura pelos milagres e a meritocracia.

Os dados apontam, por conseguinte, para uma capacidade de articulação de candidaturas em localidades específicas, o que reforça o argumento espacial observado que os resultados das urnas estão alinhados com os processos de vizinhança, e mostra que em nenhum dos casos há a formação de um cluster completamente isolado do outro. Isto significa dizer que as fronteiras municipais são permeáveis, através das quais indivíduos transitam e criam um fluxo de informações políticas e redes de socialização que influenciam o comportamento eleitoral de suas proximidades. Especialmente no caso da religião, o alto

envolvimento com as atividades sociais da igreja, o papel das lideranças, a relação estreita com os meios de comunicação e o respaldo institucional que possuem faz com que os limites municipais sejam extrapolados. Este é o caso, especialmente da IURD, cuja máquina e estratégia de expansão aposta no fluxo de informações levadas por indivíduos transeuntes, o que a torna capaz de transitar por diversos espaços sem sair do lugar.

Este trabalho, portanto, buscou abrir caminhos para novas explicações, por meio da geografia do voto e da interpretação de dados espaciais sobre o fenômeno do voto em candidatos evangélicos. Contudo, entendemos que falta ainda compreender de que maneira é possível expandir essa explicação, dada as mudanças da própria política e da maneira como o mundo do século XXI se reajustaram, levando a que os dados de clivagens sociais não dêem mais conta de grande parte da explicação. Novas formas de olhar o fenômeno fazem com que o entendimento da força eleitoral desses candidatos e sua sobrerrepresentação na ALESP passem a tomar contornos mais definidos, de modo que não se pretende esgotar aqui a explicação para esse objeto. É necessário, portanto, expandir os estudos por outras Assembleias Legislativas, outras instâncias de disputa, para entender de maneira abrangente como a eleição desses deputados se manifesta em outros estados da federação, de modo geral, como a política subnacional se apresenta em torno desse fenômeno.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AGNEW, J. **Mapping politics: how context counts in electoral geography**. Political Geography, v. 15, 1996.
- ALENCAR, Gedeon. **Matriz Pentecostal Brasileira: Assembleias de Deus (1911-2011)**. Novos Diálogos, 2013.
- ALMEIDA, Ronaldo De. **A onda quebrada - evangélicos e conservadorismo**. Cadernos Pagu, n. 50, 2017.
- ALMEIDA, Ronaldo. **A Igreja Universal e seus demônios**. São Paulo: Terceiro Nome, 2009.
- ALMEIDA, Ronaldo. **Le pentecôtisme brésilien: expansion, variation, invention**. Brésil(s) sciences humaines et sociales, v. 9, 2016.
- ALMEIDA, Ronaldo. **Religião na metrópole paulista**. Revista Brasileira de Ciências Sociais, v. 19, n. 56, p. 15–27, 2004.
- ARQUER, Monize e TANAKA, Marcela. “Terceira via?” Elementos individuais, partidários e territoriais do voto em Marina Silva (2010-2014). In: X ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE CIÊNCIA POLÍTICA (ABCP), 2016, Belo Horizonte - MG. Anais... Belo Horizonte - MG: [s.n.], 2016.
- BERELSON, B e LAZARSELD, P e MCPHEE, W. **Voting: a Study of Opinion Formation in a Presidential Campaign**. Chicago: University of Chicago Press, 1954.

- BOAS, Taylor e SMITH, Amy Erica. Religion and The Latin American Voter. CARLIN, R.; SINGER, M.; ZECHMEISTER, E. (Org.). . The Latin American Voter. Michigan: University of Michigan Press, 2015.
- BOAS, T. ; HIDALGO, F.D. "Controlling the airwaves: incumbency advantage and community radio en Brazil". American Journal of Political Science, 55(4), 2011.
- BOHN, Simone R. **Evangélicos no Brasil: perfil socioeconômico, afinidades ideológicas e determinantes do comportamento eleitoral**. Opinião Pública, v. 10, n. 2, p. 288–338, 2004.
- BORGES, Tiago Daher Padovezi. **Representação Partidária e a Presença dos Evangélicos na Política Brasileira**. 2007. Mestrado – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.
- BURITY, J. Identidade e política no campo religioso. Recife, IPESPE, Editora Universitária/UFPE, 1997.
- CARNEIRO, L. "Cultura cívica e participação política entre evangélicos", in Fernandes et al.,
- CARREIRÃO, Yan. **A eleição presidencial de 2002: uma análise preliminar do processo e dos resultados eleitorais**. Revista de Sociologia Política, v. 22, 2004.
- CARVALHO, J. "Um espaço público encantado: pluralidade religiosa e modernidade no Brasil". Série Antropologia, UnB, 249, 1999.
- FAGANELLO, Marco Antônio. **O Voto na Bancada da Bala.: um estudo de Geografia Eleitoral na cidade de São Paulo (2012-2016)**. 2017. Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2017.
- FIGUEIREDO, M. F. **A decisão do voto: democracia e racionalidade**. [S.l.]: Editora Sumaré, 1991.
- FRESTON, Paul. **Evangelicals and politics in Asia, Africa, and Latin America**. Cambridge; New York: Cambridge University Press, 2001.
- JOHNSTON, R. Contextual effect. The dictionary of human geography. [S.l.]: John Wiley & Sons, 2009.
- JOHNSTON, R e PATTIE, C. **Putting Voter in their Place: Geography and Elections in Great Britain**. Oxford: Oxford Univeristy Press, 2006.
- LAZARSELD, P e BERELSON, B e GAUDET, H. **The People's Choice: how voter makes up his mind in presidential campaign**. Nova York: Columbia University Press, 1948.
- LIPSET, Seymour Martin e ROKKAN, Stein. **Party Systems and Voter Alignments: Cross-National Perspectives**. Nova York: The Free Press, 1967.
- MACHADO, M. Política e religião: a participação dos evangélicos nas eleições. Rio de Janeiro, Editora da FGV, 2006.
- MARIANO, Ricardo. **Os neopentecostais e a Teologia da Prosperidade**. Novos Estudos, v. 44, 1996.
- MARIANO, R. "Expansão pentecostal no Brasil: o caso da Igreja Universal". Estudos avançados, 18 (52), 2004.
- McDERMOTT, M. "Religious Stereotyping and Voter Support for Evangelical Candidates" Political Research Quarterly, 62(2), 2009.

- MENEGUELLO, Rachel e BIZZARRO NETO, Fernando. **Context and competition in São Paulo politics**. Dados, v. 55, n. 1, p. 119–171, 2012.
- NASCIMENTO, Claudia Cerqueira. **Igreja como partido: capacidade de coordenação eleitoral da Igreja Universal do Reino de Deus**. 2017. Tese de Doutorado (Ciência Política) – Fundação Getúlio Vargas, São Paulo, 2017.
- NETTO, Gabriela Figueiredo. **Quando o dinheiro importa menos: uma análise do financiamento de campanhas eleitorais dos candidatos evangélicos**. 2016. Dissertação de Mestrado (Ciência Política) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016.
- NOVAES, Regina. "Crenças religiosas e convicções políticas: fronteiras e passagens", in Luis Carlos Fridman (org.), Política e cultura, século XXI, Rio de Janeiro, ALERJ/Relume Dumará, 2002.
- ORO, Pedro. **Organização eclesial e eficácia política: o caso da Igreja universal do Reino de Deus**. Revista de Ciências Sociais, v. 3, n. 1, 2003.
- PEIXOTO, Vitor e RENNÓ, Lúcio. **Mobilidade social ascendente e voto: as eleições presidenciais de 2010 no Brasil**. Opinião Pública, v. 17, n. 2, 2011.
- PIERUCCI, Antonio Flavio. **Eleição 2010: demoralização eleitoral do moralismo religioso**. Novos Estudos, v. 89, 2011.
- PIERUCCI, R.; PRANDI, R. "Religiões e voto: a eleição presidencial de 1994". Opinião Pública, 3(1), 1995.
- RODRIGUES, G. "O comportamento eleitoral dos evangélicos no Brasil: uma leitura contextual". 21st World Congress of Political Science, Chile, 2009.
- RODRIGUES, G e FUKS, M. **Grupos sociais e preferência política: o voto evangélico no Brasil**. Revista Brasileira de Ciências Sociais, v. 30, n. 87, 2015.
- SMITH, A.E. "The Bully Pulpit: Church Influence on Political Socialization in Brazil". Paper presented at the XXIX Conference of the Latin American Studies Association, Toronto, CA, 2010.
- SOARES, Gláucio Ary Dillon e TERRON, Sonia Luiza. **Dois Lulas: a geografia eleitoral da reeleição (explorando conceitos, métodos e técnicas de análise geoespacial)**. Opinião Pública, v. 14, n. 2, p. 269–301, 2008.
- TANAKA, M. **O Voto da Fé: comportamento eleitoral e recrutamento partidário dos deputados estaduais evangélicos em São Paulo (2002-2014)**. 2018. Dissertação de Mestrado (Ciência Política) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2018.
- TAYLOR, P e JOHNSTON, R. **Geography of Elections**. New York: Penguin Books, 1979.
- TERRON, Sonia. **A Composição de Territórios Eleitorais no Brasil: Uma Análise das Votações de Lula (1989-2006)**. 2009. Doutorado – Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2009.
- THERBORN, G. Why and how place matters. Oxford Handbook of Contextual Political Analysis. Oxford: Oxford University Press, 2006.
- VALLE, Vinicius Saragiotto Magalhães Do. **Pentecostalismo e lulismo na periferia de São Paulo. Estudo de caso sobre uma Assembleia de Deus na eleição municipal de 2012**. 2013. Dissertação de Mestrado (Ciência Política) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.